

Estaremos diante de uma perda de rumo?

Herbert Levy *

A pesar das críticas bastante duras da imprensa, inclusive as minhas, pelo indesculpável atraso nos pagamentos do Ministério da Saúde aos hospitais, e notadamente aos hospitais filantrópicos, como a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, os atrasos perduram, conforme exposto na reunião da mesa administrativa de ontem, 19 de março.

Surgiu uma novidade. O irmão provedor, Waldemar Carvalho Pinto Filho, informou aos irmãos que o Hospital das Clínicas de Curitiba, órgão federal, havia fechado as portas na véspera. Ele e os seus companheiros da administração da Santa Casa fazem esfor-

ços gigantescos para mantê-lo aberto e prestando os serviços inacreditáveis que presta — 5 mil atendimentos gratuitos por dia!

Mas até quando, se o SUS não paga as dívidas em atraso, que somam no momento mais de R\$ 14 milhões?

**Onde está
FHC, o velho
defensor
das causas
sociais na área
política?**

ano, isto é, três vezes mais do que o limite imposto pela Constituição.

Onde está o velho defensor das causas sociais na área política, cujo nome é Fernando Henrique Cardoso? E o democrata tradicional que, quando tomou posse, jurou respeitar a Constituição?

Quando o governo op-

tou pela política deflacionária do FMI, que já nos fizera graves estragos no plano econômico e social nos anos de 1980 a 1984, ele procurou

eliminar o dispositivo constitucional que limita os juros a 12% ao ano e não conseguiu dobrar o Congresso, sendo então obrigado a desistir. Mas não desistiu dos juros altos. Não os absurdos juros das vendas a prazo do comércio varejista para as quais o céu é o limite até mais de 1.000% ao ano. Mas os juros bancários de 100% ao ano, como os que levaram à concordata a tradicional usina de álcool e açúcar Santa Lydia, de



ao ano, como já mencionado, ônus que logicamente deveria ser debitado ao governo. Mas este nem conversa sobre o assunto.

Lamentavelmente, FHC foi convencido a adotar a deflação para acabar com a constante desvalorização do real. Mas deflação pura, sem alívio. O preço é excessivo e reclama flexibilização, principalmente quando hospitais, como o de Curitiba, começam a fechar.

Ribeirão Preto.

Mas voltamos aos hospitais filantrópicos que lutam para sobreviver. Com os atrasos dos pagamentos da União eles pagam 36%

É bom que o presidente Fernando Henrique Cardoso entre de corpo inteiro nesse assunto, pois a pressão dos débitos em atraso começa a produzir efeitos desastrosos e inaceitáveis.

Lembro, pela enésima vez, de outras consequências inaceitáveis de deflação: 1) balança comercial, que sempre foi superavitária, como exigem os interesses do País, hoje fortemente deficitária; 2) crise bancária devido à inadimplência ampla no comércio e na indústria, nada deixando a dever à de 1929; 3) explosão da dívida interna fundada da União, estados e municípios, para acudir os déficits governamentais sem precedentes; e, também, para ajudar os es-

**Impõe-se uma
solução urgente
e decisiva
para os
hospitais
filantrópicos**

peculadores em dólares, entregando-lhes o Banco Central os reais correspondentes, para ajudá-los a auferir em bolsa ou fora os altos juros que exigem e que, na saída, poderão converter-se num problema incontrollável; 4) desemprego de grandes proporções, sobretudo na lavoura, re-

forçando irresistivelmente a ação, mesmo ilegal, dos sem-terra.

Quando será que essa realidade sensibilizará o governo?

Mas voltemos aos hospitais filantrópicos. Impõe-se uma solução urgente e decisiva, para que não se considere irresponsável a ação do governo. ■

* Presidente do Conselho de Administração da Gazeta Mercantil.